

MIRANDA, José Américo; CAMPOS, Alex Sander Luiz. “Lira chinesa”: informações preliminares.

LIRA CHINESA

“LIRA CHINESA”: INFORMAÇÕES PRELIMINARES

*José Américo Miranda
Alex Sander Luiz Campos*

Machado de Assis, em suas *Poesias completas* (1901), ao final do volume (p. 366), deixou a seguinte “Nota D”: “Os poetas postos nesta coleção são todos contemporâneos. Encontrei-os no livro publicado em 1868 pela Sra. Judith Walter, distinta viajante que dizem conhecer profundamente a língua chinesa, e que os traduziu em simples e corrente prosa.” Esta nota, com pequenas diferenças de redação, aparece também em *Falenas* (1870, p. 215).¹

As informações deixadas por nosso poeta, apesar de breves, contêm inúmeras inexatidões – como, aliás, acontece em outras notas de seus livros de poesias. A edição que conseguimos da obra de Judith Walter é datada de 1867. Ao que tudo indica, não houve edição em 1868. A segunda edição dessa obra, feita ainda em vida de sua autora, é de 1902. (Cf. PINTO, 2018, p. 11)

Os poetas traduzidos por Machado de Assis não são todos contemporâneos, e, pelas dificuldades dos sistemas de transliteração, alguns não foram identificados nem mesmo por especialistas na matéria. Joaquim A. de Jesus Guerra (1995, p. 96), importante sinólogo, afirma que os nomes dos poetas, “escritos como estão na romanização francesa de Judith Walter, são quase todos irreconhecíveis.” E Machado de Assis, por sua vez, “aportuguesou um pouco a romanização francesa de Judith Walter: Thu-Fu por Thou-Fou; Tchan-Tiú-Lin por Tchan-Tiou-Lin.” (GUERRA, 1995, p. 98)

Marta Pacheco Pinto afirma, sobre as traduções de Machado de Assis:

¹ Em *Falenas* (1870, p. 215), esta nota vem com a seguinte redação: “LIRA CHINESA / (Pág. 111) / Os poetas imitados nesta coleção são todos contemporâneos. Encontrei-os no livro publicado em 1868 pela Sra. Judith Walter, distinta viajante que dizem conhecer profundamente a língua chinesa, e que traduziu em simples e corrente prosa.”

As primeiras traduções que se conhecem de poemas de *Le Livre de jade* aparecem não na Europa, mas no outro lado do Atlântico, no Brasil, pela mão de Machado de Assis (1839-1908), com quem Feijó trava conhecimento durante a sua estadia no país. É em *Phalenas*, de 1870, que Machado de Assis inclui oito poemas “imitados” de *Le Livre de jade* na secção “Lyra chinesa” ([1870], p. 109-126). (PINTO, 2018, p. 11)

Entre 1867 (ano da primeira edição de *Le livre de jade*) e 1933 (ano da quarta edição), traduções dessa obra foram feitas para o português (1870, Machado de Assis; 1890, Antônio Feijó), alemão (1873, 1915 e 1927), italiano (1882), inglês (1890, 1918, 1919 e 1920), russo (1918). (Cf. PINTO, 1918, p. 12)

Antônio Feijó, que também traduziu as versões francesas de Judith Walter para o português e as publicou em *Cancioneiro chinês* (1890, com segunda edição, revista e aumentada, em 1903), seguiu carreira diplomática e esteve no Brasil (Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Pernambuco) por um período de três anos, entre 1886 e 1889. Segundo ela, o tradutor português não se adaptou ao meio sociocultural brasileiro, e, do Brasil, retornou a Portugal, e, daí, sempre em missão diplomática, partiu para a Suécia – não tendo logrado um pretendido posto em Xangai. (Cf. PINTO, 2018) Como Judith Walter (e como Machado de Assis), jamais esteve no Oriente. Dos 71 poemas de *Le livre de jade*, Antônio Feijó publicou 48 (embora tenha traduzido todos) e os distribuiu no livro, pelas estações do ano, em quatro partes: Primavera (12 poemas), Estio (12), Outono (12) e Inverno (12).² A obra de Judith Walter tem sete partes: Les Amoureux (17 poemas), La Lune (9), L’Automne (12), Les Voyageurs (6), Le Vin (8), La Guerre (7) e Les Poètes (12).

Judith Walter era, de nascimento, Judith Gautier, filha do poeta Théophile Gautier. Ela tinha 22 anos quando publicou *Le livre de jade*, e estudava chinês, na época em que traduziu os poemas, com Tin-Tun-Ling, talvez o único poeta contemporâneo traduzido por ela. Machado de Assis verteu para a nossa língua o poema deste autor – “As flores e os pinheiros”, o sexto da série machadiana nas *Poesias completas* (1901), e o sétimo em *Falenas* (1870). O tradutor grafa assim (equivocadamente) o nome do poeta: Tin-Tun-Sing.

² Na segunda edição do *Cancioneiro chinês* há, além dos 48 mencionados, dois poemas oriundos de outras fontes, um no início, outro no fim do livro – o que dá um total de cinquenta poemas.

MIRANDA, José Américo; CAMPOS, Alex Sander Luiz. “Lira chinesa”: informações preliminares.

A respeito dos poetas, e das diversas formas de grafar seus nomes, com o pouco que alcançamos saber sobre cada um, preparamos notas nas páginas em que se encontram os poemas que lhes são atribuídos.

Sobre ser “uma distinta viajante”, não se sabe onde Machado de Assis colheu essa informação. Judith Walter nunca esteve no Oriente; só deixou a Europa, segundo Marta Pacheco Pinto (2018), aos 69 anos de idade, numa viagem à Argélia.

Referências

ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

FEIJÓ, Antônio. *Cancioneiro chinês*. 2. ed. rev. e aum. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1903.

GUERRA, Joaquim A. de Jesus. A *Lira chinesa* de Machado de Assis. *Revista de Cultura*, Macau, II série, n. 22, p. 95-100, jan.-mar. 1995.

KNOWLTON Jr., Edgar Colby. Machado de Assis e a sua *Lira chinesa*. *Revista de Cultura*, Macau, II série, n. 22, p. 81-93, jan.-mar. 1995.

PINTO, Marta Pacheco. Cancioneiro chinês (1890): tradução e exotismo. *Ponte de Lima: do passado ao presente, rumo ao futuro!*, n. 4, p. 7-29, jul. 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/34837/1/29-106-1-PB.pdf>>.

WALTER, Judith. *Le livre de jade*. Paris: Alphonse Lemerre, 1867.